

BIBLIOTECA RELIGIOSA E BIBLIOTECA MEDIEVAL: encontro em “O Nome da Rosa”¹

Eliane Bezerra Paiva*
Maria Gorette Lopes**

RESUMO

Trata-se do relato de uma pesquisa que teve como objetivo geral analisar a biblioteca religiosa com base na obra “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco. O referencial teórico adotado contemplou a história das bibliotecas, especialmente a biblioteca religiosa e especializada. A metodologia incluiu uma pesquisa documental e uma pesquisa de campo, realizada na Biblioteca São Tomás de Aquino, do Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição (SAPIC). Os resultados apontam para a presença do profissional da informação e das Tecnologias da Informação e da Comunicação na biblioteca religiosa. Conclui-se que, embora estejam participando de um novo contexto, as bibliotecas religiosas apresentam traços dos mosteiros medievais, como a administração feita por um padre, a riqueza das coleções, a localização imprópria e, sobretudo, o apego à preservação em detrimento do acesso à informação.

Palavras-chave

BIBLIOTECA RELIGIOSA
BIBLIOTECA NA IDADE MÉDIA
ACESSO À INFORMAÇÃO

¹ Artigo originado de Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba

* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Ciência da Informação CCSA/UFPB. E-mail: paivaeb@gmail.com

** Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da História as bibliotecas têm sido as guardiãs do conhecimento, incluindo nos seus acervos coleções preciosas tanto em conteúdo quanto em forma. Dentre todas as bibliotecas, as religiosas, especialmente as medievais, exercem certo fascínio em razão do obscurantismo de sua história e dos “segredos” e “mistérios” que as envolvem.

Em “O Nome da Rosa”, Eco (1983) descreve com precisão de detalhes o cenário da biblioteca religiosa, a biblioteca monástica, existente na era medieval. Entendemos que a verossimilhança, presente/apresentada em uma obra literária é um recorte da realidade, pois se trata de uma construção artística. Entretanto a idéia da biblioteca religiosa medieval, como representada na obra de Eco, incorporou-se ao imaginário social, especialmente depois da conversão da obra em película cinematográfica, contribuindo assim para ampliar as possibilidades de sua difusão.

Em contrapartida à biblioteca de Eco, na atualidade, as bibliotecas contam com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), que têm propiciado avanços consideráveis nos processos de busca e recuperação da informação. Além disso, têm sido por demais apregoados os benefícios dessas tecnologias, especialmente da Internet, para facilitar e ampliar o acesso à informação.

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada na Biblioteca São Tomás de Aquino do Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição – SAPIC, que embora sendo uma biblioteca privada, faz parte de uma instituição religiosa/clériga. Percebemos, então, ao longo do período em que atuamos como estagiária na instituição, que as semelhanças e restrições são bem pertinentes às bibliotecas religiosas da Idade Média, como as apresentadas por Eco (1983). Assim, estas observações geraram um trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba com o objetivo de

analisar a biblioteca religiosa com base na obra “*O Nome da Rosa*” de Umberto Eco.

2 A BIBLIOTECA RELIGIOSA

Conhecemos a biblioteca como um recinto público ou privado, projetada para estudos, leituras, consultas e empréstimos do acervo ali instalado e organizado segundo regras pré-estabelecidas. Atualmente, podemos afirmar que, não há uma única biblioteca, mas sim bibliotecas no plural, tentando responder às necessidades informacionais de um público que varia entre o heterogêneo ao mais homogêneo possível.

Para muitos estudiosos, uma coleção especializada com uma tipologia de usuários de uma determinada área do conhecimento humano é denominada biblioteca especializada. Estas bibliotecas surgiram devido à explosão bibliográfica amparada com as novas tecnologias como suporte da informação, como nos descreve Fonseca (1992, p. 63, grifo do autor):

As bibliotecas especializadas surgiram com o extraordinário desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Por isso, as primeiras bibliotecas desta categoria – especializada – foram as dos laboratórios e das grandes empresas industriais e comerciais, tanto quanto de associações profissionais. Em 1909 fundou-se em Nova York a Special Libraries Association, que edita, a partir daquele ano, a revista *Special Libraries*. A congênere britânica surgiu em 1924, com o nome de Association of Special Libraries and Information Bureau (ASLIB).

Segundo Ashworth (1981, p.1), a biblioteca especializada significa “uma biblioteca quase exclusivamente dedicada a publicações sobre um determinado assunto em particular [...]”. Esta definição também inclui bibliotecas que são coleções de uma espécie particular de material. Consideramos que uma biblioteca especializada dispõe de uma coleção bibliográfica destinada quase que exclusivamente a uma única área do conhecimento humano, como é o caso da Biblioteca São Tomás de Aquino, especializada em teologia.

Kapsner (1956, p.307), assim como nós, defende a idéia que a biblioteca religiosa é uma biblioteca especializada:

As bibliotecas católicas se inserem nesse grupo de bibliotecas especializadas. De

certo modo cada biblioteca católica é uma biblioteca especializada, enquanto outras como as monásticas e de seminários, são quase inteiramente especializadas. Não diferente de outras bibliotecas especiais, as bibliotecas católicas aprenderam por experiência que uma política geral de biblioteca pode ser inadequada em condições especializadas.

Para o referido autor, bibliotecário norte americano, as bibliotecas católicas sofreram uma “discriminação” por parte dos profissionais bibliotecários de seu país que idealizaram os esquemas de classificação, as regras de catalogação e as listas de cabeçalho de assunto, pois, segundo Kaspner (1956), estes omitiram completamente a literatura católica, especificamente a literatura teológica católica, embora seja esta uma literatura que vem crescendo e se desenvolvendo em grandes proporções dentro do cenário bibliográfico.

Em decorrência das especificidades das coleções das bibliotecas católicas, surgiram dificuldades para o tratamento bibliográfico dessas coleções, em razão das “carências” dos instrumentos de trabalho, tais como tabelas de classificação, códigos de catalogação e listas de cabeçalhos de assunto. Assim, as bibliotecas católicas americanas fizeram várias solicitações aos profissionais responsáveis pela elaboração dos projetos de classificação e catalogação e, por receberem pouca atenção dos mesmos, as bibliotecas católicas americanas tomaram a iniciativa de procurar soluções necessárias para o tratamento de acervos especializados em teologia. Dentre essas iniciativas se incluem: a suplementação da classificação da *Library of Congress* (LC) pelo esquema de Lynn e a publicação de um manual, baseado no Código da Biblioteca Vaticana, onde se incluem amplas adaptações e revisões ao código de catalogação da *American Library Association* (ALA) (KASPNER, 1956).

As bibliotecas católicas derivam das bibliotecas medievais, que foram de fundamental valia para o progresso das bibliotecas européias, pois eram lugares conservadores e rígidos, cujo interesse estava concentrado num conjunto exíguo de textos veneráveis de cunho religioso. Vale ressaltar que a Idade Média é lembrada com o monopólio na educação de uma maneira geral pela Igreja Católica – salvo pouquíssimas exceções. A biblioteca é vinculada ao espaço do *sagrado*, principalmente quando associada à estrutura física das Igrejas com os seus prédios grandes,

importantes e imponentes (SCHWARCZ; AZEVEDO; COSTA, 2002).

Não podemos negar a contribuição da Igreja Católica para as bibliotecas monásticas européias que estavam no interior dos conventos, lugares dificilmente acessíveis ao profano, ao leitor comum. Dentre essas contribuições destacamos a educação. Principalmente as bibliotecas beneditinas tiveram um papel fundamental na preservação de manuscritos surgidos no período monástico-medieval no desenvolvimento cultural e intelectual da humanidade. Conforme Blattmann (2006), as bibliotecas medievais oriundas de acervos teológicos e, mantenedoras do poder do ocidente, baseado no Cristianismo, encarregavam-se da reprodução dos documentos da época, tarefa à qual estavam incumbidos copistas, tradutores e escribas que trabalhavam no interior das bibliotecas, no *scriptorium*.

As bibliotecas religiosas que carregam tanto características originadas no passado medieval, quanto características do mundo atual, possuem funções que foram ampliadas e modificadas ao longo dos tempos, mas que, acima de tudo, conservam desde a Idade Média até os dias de hoje, seu caráter religioso, não somente pelo conteúdo dos livros ou das obras que possuem, mas pela própria natureza de seus órgãos mantenedores e administrativos.

Destacamos o trabalho exercido pelo *librarius* – *archaeographus* – *bibliator* – *scriptor* – *graphiarus* ou simplesmente *antiquarius* (o mais vulgar), ou seja, o copista que no decorrer da história, desde os primórdios da Antiguidade, os bibliotecários eram a memória viva de reis e clérigos.

No século IV a profissão de copista era considerada exercício desenvolvido pelos solitários, por isso, como tantos outros profissionais da época os copistas levavam a vida de ambulante servindo a Igrejas, Mosteiros, Palácios. Havia também os jovens vocacionados à vida religiosa, que mantinham a disciplina dos mosteiros imposta pelas formações eclesiásticas. Os *discipuli*, ou seja, os aprendizes começavam pelas tarefas mais humildes, progredindo de acordo com os dons naturais, embora a maturidade de espírito e a firmeza de julgamento fossem consideradas virtudes essenciais para a formação do profissional-copista. De acordo com Mello (1972), na Idade Média os mosteiros e conventos eram os maiores centros de reprodução bibliográfica, uma vez que, situados em lugares distantes dos centros

comerciais e, portanto sendo grande a carência de matéria-prima para os copistas, estes eram levados a reaproveitar obras, consideradas sem maior valor, apagando-as e escrevendo em cima outros textos.

Cada *scriptorium* (destacaremos adiante) tinha o responsável pelo seu funcionamento e ordem – o *natarius* – o *precantor* – o *armarius* – o *bibliothecarius* – este último o chefe da oficina e cuja presença era de suma importância; do *armarius* é exigido o domínio de todos os segredos do ofício, um elevado senso cultural e artístico para facilitar a execução das cópias e iluminuras. As obras da Idade Média merecem destaque pela sua ornamentação, iluminuras e miniaturas, muitas, consideradas verdadeiros tesouros – não desmerecendo o conteúdo – devido principalmente à encadernação com ouro, prata e pérolas, entre outros materiais preciosos. A reputação da oficina e, conseqüentemente, da Abadia dependia do zelo e dedicação no acabamento de cada cópia produzida na mesma. E cabia, também, ao chefe da oficina ser o guardião da biblioteca.

O trabalho dos monges-copistas tinha caráter religioso. O tempo era dividido entre a oração, trabalho intelectual e o trabalho manual. Com o trabalho intelectual o monge-copista aprendia a língua – o latim era a língua da Igreja, assim como a maioria das obras religiosas, da literatura e das ciências. Mas os monges interessavam-se também pelos textos considerados profanos de origem grega, principalmente – e se familiarizavam com os clássicos, enriqueciam a biblioteca do mosteiro ou aumentavam os recursos financeiros da Abadia com a venda do manuscrito para o exterior e também divulgavam o legado literário científico produzido na época.

A clientela dos copistas era pequena, pois se restringia aos nobres – aristocratas e clérigos não havendo assim, escassez de trabalho.

O *scriptorium* ou, para alguns, as oficinas e/ou ateliês – lugar reservado aos copistas – monges na Idade Média, é uma das principais características dos grandes mosteiros. Só alguns puderam dispor deste serviço, como: San Gallo, fundado no século VIII; Abadia de Monte Cassino – *Casa mater* dos Beneditinos, fundada no século XI; Reichenau – acredita-se que sua fundação seja em 711 d.C., dentre outros. Tal espaço era considerado tão sagrado que para entrar no *scriptorium* devia-se rezar uma prece específica: *Oratio Scriptorium* (MELLO, 1972).

Assim foram criadas as bibliotecas, até o fim da Idade Média, como verdadeiros depósitos de

livros, muito mais como o lugar onde se esconde o livro do que o lugar de onde se procura fazer circular ou perpetuar o livro.

Em alguns mosteiros, a *biblioteca-scriptorium* era tão famosa e distinta, devido, principalmente, aos trabalhos ali realizados, sendo-lhe confiadas as encomendas de cópias tão raras que algumas são consideradas como se nunca houvessem existido.

Com suas oficinas a *biblioteca-scriptorium* é considerada um conservatório de técnicas artesanais e artísticas executadas no seu interior, sendo verdadeiros repositórios da cultura intelectual, graças aos domínios fundiários, à sua mão-de-obra (tanto dos monges como dos demais prestadores de serviços). Essas oficinas originaram-se de oficinas criadas pelos egípcios para os registros de manuscritos, provavelmente entre os séculos XXIII e XXI a.C. (BATTLES, 2003).

Outro aspecto a ser lembrado é o fato de que, sendo a biblioteca um ambiente que exigia silêncio, os monges se comunicavam através de gestos. Para pedir um livro de um autor pagão, o copista fazia o sinal para o bibliotecário indicando o livro da seguinte forma: estendia os braços, movimentando a mão direita como se virasse páginas e por se tratar de obra de autor pagão, coçava uma das orelhas, como fazem os cachorros. É percebido que a Igreja Católica além de dirigir a cultura, a produzia e a consumia.

Com o advento do *scriptorium/biblioteca*, o conhecimento se expandiu, sendo registrado em diversos suportes. Primeiramente nas placas de argilas, seguidas pelo pergaminho até chegar ao formato de livro conhecido na atualidade, entretanto o acesso ao conhecimento era restrito, em todos os suportes, sendo esta restrição típica da Idade Média. Um dos agentes que mais restringiu o acesso ao conhecimento, diríamos, até censurou, foi a Igreja Católica Apostólica Romana.

O conhecimento era visto como inimigo, por que ameaçava a ordem estabelecida de um grupo ou sociedade, no caso, na Idade Média, a Igreja Católica, que via tudo o que lhe era oposto como o *mal*.

Em 1564, o Concílio de Trento realizado pela Igreja promulgou o primeiro *Index Librorum Prohibitorum*. Esse primeiro Index determinava quais livros seriam eliminados, destruídos e, conseqüentemente, teriam sua leitura proibida (caso algum conseguisse escapar da fogueira). A primeira edição oficial desse Index tinha 72 páginas e a

última edição 508 páginas, totalizando assim 32 edições publicadas. Outro Index igualmente importante para a censura, foi o *Index Expurgatorius Librorum* (1571) que continha instruções para cancelar “passagens inconvenientes” de obras consideradas toleráveis. (BATTLES, 2003).

Infelizmente, a censura sempre esteve presente, em maior ou menor escala, na história das bibliotecas, proibindo ou limitando o acesso à informação. Entendemos que o livre acesso à informação facilita a vida do homem e pode contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Sendo a informação, assim como a linguagem, a mediadora do conhecimento, aprisionar a informação é como aprisionar o conhecimento. A seguir, faremos um recorte da história das bibliotecas no Brasil.

3 A BIBLIOTECA COM SUAS ORIGENS NO BRASIL

Para podermos mencionar as origens da Biblioteca Nacional brasileira não podemos esquecer a “contribuição” que nos foi “doada” pelos nossos “descobridores” lusitanos com a sua Real Biblioteca. Esta era considerada pelos súditos portugueses como “a menina dos olhos” de todos os monarcas.

Em 1750, a Real Biblioteca era tratada como um ícone da monarquia, com os 60 mil livros uma das melhores bibliotecas européias, não apenas em número, mas também, em qualidade de obras preciosas conhecidas no continente, composta de milhares de volumes que abrangiam vastos domínios do saber: Teologia, História, Direito Canônico e Civil, Filosofia, Literatura, Medicina e Ciências.

A vinda da Família Real para o Brasil promoveu a criação da Biblioteca Nacional brasileira, cujo acervo originário da Real Biblioteca portuguesa chegou em três remessas. A primeira em 1810, a segunda e terceira em 1811 (SCHWARCZ; AZEVEDO; COSTA, 2002).

Durante o período colonial concentrava livros nos conventos principalmente dos padres da Companhia de Jesus – os Jesuítas, que em 1549 partiram do Porto de Belém em Portugal com o destino ao Brasil, instalando-se em Salvador, com o primeiro contingente de seis religiosos da ordem, composto por Pe. Manuel da Nóbrega, jovem nobre de 32 anos juntamente com os Padres Leonardo Nunes, Antonio Pires, João de Azpilcueta Navarro, e os irmãos, que depois haveriam de ser ordenados:

Vicente Rodrigues e Diogo Jácome. Já em 1677 foi elaborado o primeiro catálogo verdadeiro de uma biblioteca brasileira, trabalho realizado pelo Pe. Antonio da Costa, também jesuíta. Outras ordens religiosas como beneditinos, franciscanos e carmelitas possuíam as suas bibliotecas instaladas nos seus respectivos mosteiros-conventos (BAPTISTA, 2006).

Sob o governo de Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal que expulsou os filhos de Inácio de Loyola de Portugal e das colônias por se oporem às reformas governamentais, educacionais e a existência de conventos, as bibliotecas ficaram abandonadas e poucos volumes foram salvos.

A Real Biblioteca permaneceu por quase 50 anos na Ordem Terceira do Carmo e enfrentou problemas de orçamento, graves deficiências no tratamento do acervo, despreparo e má remuneração dos funcionários, além da falta de segurança. Só em 5 de agosto de 1858, a Biblioteca Nacional se mudou para o Largo da Lapa, depois da insistência de um dos seus diretores, o monge beneditino Camilo de Monserrate (SCHWARCZ; AZEVEDO; COSTA, 2002).

Embora o crescimento da biblioteca fosse evidente, principalmente após as novas doações e compras, em 1812, iniciam-se as propinas – a prática de enviar um exemplar de tudo o que fosse impresso em oficinas tipográficas de Portugal e na Imprensa Régia do Rio de Janeiro. Essa prática evoluiu para o hoje denominado Depósito legal.

Melhor do que o anterior, o novo prédio também se revelou insatisfatório, não obstante as obras de adaptação e expansão. Com o desenvolvimento da produção editorial, a generalização do depósito legal, as compras e doações de grandes coleções, além do crescimento da população letrada exigiam espaços amplos, acondicionamento apropriado às diferentes espécies documentais, laboratórios, dentre outros.

A biblioteca só teve um prédio próprio e definitivo, quando se transferiu para a Avenida Rio Branco, em 1910. Este prédio, erguido graças aos esforços de alguns de seus leitores mais bem estruturados financeira e politicamente, foi projetado pelo engenheiro Francisco Marcelino de Sousa Aguiar e construída sob a coordenação dos engenheiros Alberto de Faria e Napoleão Moniz Freire. De estilo eclético, combinando elementos neoclássicos e *art-nouveau*, contém elementos de vários artistas (SCHWARCZ; AZEVEDO; COSTA, 2002).

Suas instalações atendiam às exigências técnicas da época: piso de vidros nos armazéns, armações e estantes de aço com capacidade para 400 mil volumes, amplos salões. Quando o Brasil se separou politicamente de Portugal e negociou a compra da Biblioteca Real, o país pagou oitocentos contos, ou 250 mil libras, o que correspondia a, aproximadamente, 12,5% do total do pagamento pelos objetos deixados pela corte.

Somente no século XIX foram instauradas bibliotecas públicas. No mesmo dia, foram inauguradas a Biblioteca Real e a Biblioteca da Bahia. No entanto, suas finalidades eram distintas. Enquanto uma era mantida pela corte e era utilizada pelos aristocratas, a outra pretendia instruir a massa que era alfabetizada e conseguir se manter sem a interferência do governo nem da Igreja. Porém, não conseguiu e em 1818 a biblioteca baiana ficou abandonada.

Infelizmente, na atualidade, a Biblioteca Nacional brasileira vem sendo castigada com deficiências antigas. O prédio da Biblioteca Nacional não consegue comportar o número de exemplares recebidos anualmente e as verbas recebidas pelo órgão mantenedor não supre as necessidades. Chega a ser uma contradição, o que no passado custou tanto, no presente mal consegue pagar suas contas básicas. No item seguinte trataremos do caminho percorrido na pesquisa desenvolvida na Biblioteca São Tomás de Aquino, que é uma biblioteca religiosa.

4 O CAMINHO PERCORRIDO

A pesquisa desenvolvida é do tipo estudo de caso. Utilizando diversas técnicas, o estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, objetivando apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto.

As técnicas utilizadas na pesquisa desenvolvida na Biblioteca São Tomás de Aquino foram: a observação participante e a entrevista não estruturada.

A observação participante caracteriza-se pelo fato do observador não ser apenas um espectador do fato estudado, mas se colocar na posição e no nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado. Nesse tipo de observação o observador tem mais condições de compreender hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características do cotidiano da comunidade estudada (RICHARDSON, 1999).

Na pesquisa desenvolvida na Biblioteca São Tomás de Aquino, pudemos observar o cotidiano da biblioteca religiosa. Aderimos à técnica de observação participante, pois em se tratando de uma experiência de 03 (três) anos na referida biblioteca, isso nos possibilitou adquirir o conhecimento da problemática a partir do interior da biblioteca em estudo.

Durante nossa permanência na biblioteca observamos a organização, o tratamento e o desenvolvimento das coleções, assim como, a gestão dos recursos informacionais, incluindo a relação bibliotecário/usuários e bibliotecário/direção do órgão mantenedor.

A entrevista não estruturada consiste em uma conversação guiada, onde o entrevistador pretende obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa (RICHARDSON, 1999). Para obter os dados referentes à criação da Biblioteca São Tomás de Aquino entrevistamos os responsáveis pela transferência e reabertura do SAPIC. Justificamos a escolha dos entrevistados posto que, ambos, estiveram presentes na transição dos institutos (Instituto de Teologia do Recife – ITER, e Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição - SAPIC), um como diretor do ITER e o outro como diretor do Centro de Estudos.

A pesquisa realizada foi composta de duas fases: uma pesquisa documental e uma pesquisa de campo. A pesquisa documental compreendeu a busca e análise dos documentos referentes à criação da Biblioteca São Tomás de Aquino. Conforme Leite (2004, p.55) esse tipo de pesquisa permite “escolher dados e informações importantes na descrição de fatos ocorridos, de usos e costumes de povos, grupos e indivíduos, ou na apresentação do que foi descrito em documentos literários, científicos e culturais em geral”. A pesquisa realizada na Biblioteca do SAPIC incluiu a leitura de atas do arquivo eclesiástico da Paraíba pertencentes à Cúria Arquidiocesana.

A pesquisa bibliográfica realizou-se através da leitura de livros, periódicos, monografias e materiais em diversos formatos, inclusive na Internet. As leituras deram suporte à construção do referencial teórico que subsidiou a pesquisa.

A pesquisa de campo ocorreu na própria Biblioteca São Tomás de Aquino, no SAPIC. Os dados sobre a Biblioteca São Tomás de Aquino foram coletados no período de 15/08/2005 a 30/11/2005. A leitura da obra “*O Nome da Rosa*”, de

Umberto Eco, constituiu-se em um suporte literário para coletar dados verossímeis, visando à análise da biblioteca. Para a obtenção de dados sobre a criação da Biblioteca São Tomás de Aquino o instrumento de coleta foi a entrevista não estruturada.

Após a coleta os dados foram tabulados de forma a atender aos objetivos da pesquisa. Para fins de análise de dados utilizou-se a Análise de Conteúdo, de Bardin (1979).

Justificamos a escolha da Análise de Conteúdo como forma de análise, pois, se trata de “uma técnica para produzir inferências de um texto focal para o seu contexto social de maneira objetivada” (BAUER, 2004, p.191).

Adotamos as seguintes categorias de análise: coleções, estrutura física, preservação, tratamento do acervo, cooperação, usuários e bibliotecário.

A biblioteca como uma organização possui três grandes funções: a função gerencial, que inclui a administração e a organização; a função organizadora, compreendendo a seleção, aquisição, catalogação, classificação e indexação; e a função de divulgação, composta pela referência, empréstimo, orientação, reprografia, serviços de disseminação e extensão (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005). Criamos as categorias de análise a partir dessas funções. Realizamos as inferências e a interpretações à luz do referencial teórico que subsidiou a pesquisa além da nossa vivência na Biblioteca. Optamos pela abordagem qualitativa, pois, esse tipo de abordagem permite “observar, diretamente, como cada indivíduo, grupo ou instituição experimenta, concretamente, a realidade pesquisada” (GOLDENBERG, 2004, p.63). A seguir apresentamos uma descrição do objeto de estudo da pesquisa, a Biblioteca São Tomás de Aquino.

5 A BIBLIOTECA SÃO TOMÁS DE AQUINO

A Biblioteca São Tomás de Aquino está inserida no Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição – SAPIC, fundado em 04 de março de 1894 por Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Entretanto, na pesquisa documental realizada nos Estatutos do Seminário, não há, nestes, menção alguma sobre a abertura da biblioteca neste período. Obtivemos informações sobre a Biblioteca São Tomás de Aquino a partir da sua reabertura em Fevereiro de 1990, com o reitor e o então diretor do Centro de Estudos, por meio das entrevistas.

A realização de nosso estágio no SAPIC nos possibilitou observar o cotidiano de uma biblioteca religiosa. Assim, estimamos que, do acervo existente na Biblioteca São Tomás de Aquino, 90% (noventa por cento) é referente à literatura religiosa incluindo além dos livros, as monografias e as sínteses filosóficas que os concluintes dos cursos oferecidos pelo SAPIC devem apresentar ao professor – orientador no final de cada etapa. Percebemos que a biblioteca religiosa contemporânea, não está completamente distinta das bibliotecas dos mosteiros medievais tão claramente relatada por Eco em “*O Nome da Rosa*”. As bibliotecas religiosas ali descritas detinham coleções preciosas.

O **acervo** da Biblioteca São Tomás de Aquino dispõe de cerca de 15.000 (quinze mil) livros, contendo obras que datam desde 1850 até os nossos dias, tais como: obras de referências, dicionário grego, latim, hebraico, aramaico, dentre outras línguas; dicionários especializados como os dicionários de símbolos, de filosofia teológica, por exemplo, além de catecismo da Igreja, mariológico, teologia da libertação, publicações dos concílios de Puebla, Medellín, Santo Domingo, Vaticano II; Missais, Rituais, diversas versões da Bíblia e outros.

A Biblioteca São Tomás de Aquino é uma das poucas bibliotecas religiosas na Paraíba que dispõe de um acervo tão rico, se comparada a outras bibliotecas religiosas paraibanas como as dos Padres Jesuítas, dos Carmelitas, dos Franciscanos e de outras ordens religiosas. Podemos perceber que na Biblioteca São Tomás de Aquino há exuberantes **coleções** bibliográficas especializadas em religião, e que essa dispõe de um acervo precioso e numeroso, considerando-se que se trata de uma biblioteca especializada. A riqueza das coleções da Biblioteca São Tomás de Aquino nos faz recordar Amaro (2006, p.75), ao reportar-se à biblioteca de “*O Nome da Rosa*” quando diz:

A biblioteca é descrita como escrínio, reconhecida por todos como a maior e a mais importante do mundo cristão. O acervo, formado ao longo de séculos, continha obras produzidas em todas as partes do mundo conhecido na época. A riqueza do acervo é evidenciada na cena em que, ao finalmente conseguir entrar na primeira sala de livros, Guilherme, diz para Adso: “Eu sabia! Eu sabia! Percebes que estais numa das maiores bibliotecas da cristandade?” e, solta um grito-riso de felicidade e emoção.

Eco (1983) nos faz entender que existe a **cooperação** das coleções entre os monges medievais. Na atualidade as instituições educacionais clérigas também cooperam, repassando periódicos e demais recursos informacionais. Assim, a Biblioteca São Tomás de Aquino realiza intercâmbio com diversas instituições educacionais clérigas, o que pode ser exemplificado através da “*Revista Símbolos*”, publicada pelo SAPIC e permutada com instituições congêneres.

No momento da pesquisa, o SAPIC contava com 110 (cento e dez) alunos dentre estes havia os religiosos das congregações, Passionistas, Dehonianos e Doce Mãe de Deus, que totalizavam 20 (vinte) seminaristas estudantes de teologia. Esses constituem os **usuários** da biblioteca. Os usuários correspondem àqueles que necessitam de informação para o desenvolvimento de suas atividades (SANZ CASADO, 1994).

Na atualidade, alguns leigos se interessam pela teologia e também realizam cursos no SAPIC. Antes, era quase impossível se pensar num leigo estudando “lado a lado” com um monge, pois, como não sabiam o grego nem o latim, eram tratados como ignorantes pelos clérigos. Eco (1983, p. 196) nos apresenta esta deficiência de linguagem “Bacon tinha razão em dizer que a conquista do saber passa pelo conhecimento das línguas”. Nestes últimos anos o número de leigos e religiosas, principalmente, tem aumentado dentre os estudantes do Seminário. No ano de 2005, os leigos somavam 11(onze) estudantes do SAPIC. Diferentemente, do que descreve Eco (1983), os não-clérigos não tinham a permissão de conviver com os futuros sacerdotes no mesmo espaço físico, e quem tivesse a ousadia de compartilhar os estudos era perseguido pela Inquisição.

O SAPIC abriga seminaristas de várias dioceses: Penedo – AL, Campina Grande – PB, Patos – PB, Mossoró – RN, Guarabira - PB, Paulo Afonso – BH, Floresta – PE, Cajazeiras – PB e os seminaristas, naturalmente, da Arquidiocese da Paraíba, totalizando, assim, 79 (setenta e nove) jovens.

A figura do bibliotecário desde os primórdios das bibliotecas (No Brasil, a profissão ainda só foi regulamentada em 1962) é vista como algo tradicional e conservadora, é aquele que preserva os livros, é o homem sábio, o leitor por definição, a figura fechada, o guardião, a quem se confiam os segredos - já que a biblioteca os tinha – é aquele de quem se espera um cuidado e proteção

incondicional aos livros; decifrando o seu catálogo artesanal, onde exercitava sua técnica de **preservação** com precisão, disciplina e poder, já que o bibliotecário é o único responsável por localizar as obras no emaranhado de salas e estantes sem lógica, descrito na ficção. Profissional da informação, onde a mesma era tratada com um “zelo” excessivo, tanto na referida obra de Eco (1983) quanto nas bibliotecas dos séculos XX, sejam estas clérigas ou não.

A **estrutura física** da biblioteca do mosteiro medieval nos remonta à Biblioteca São Tomás de Aquino, que está localizada no prédio do Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição, de uma forma que podemos dizer *imprópria*. Sua localização está embaixo do refeitório-cozinha. Do lado esquerdo está o estacionamento e ao seu lado direito situa-se a lavanderia. Para finalizar, na frente há o corredor que dá acesso à fotocopiadora. Na biblioteca de Eco (1983) o responsável pelo espaço dedicado para os estudos e “guarda dos livros” era subordinado ao Abade, pois, a maioria das bibliotecas se encontrava nos mosteiros. Assim, se reproduz a submissão do **bibliotecário**.

Como estagiária, durante 03 (três) anos, na Biblioteca São Tomás de Aquino, percebemos que o estagiário tem autoridade sobre seu ambiente, contudo, a biblioteca não é autônoma. Como acontecia na Idade Média, o padre - administrador do Instituto é o responsável pela biblioteca. Na obra de Eco, o Abade e não o bibliotecário “controla” o acesso à biblioteca. A Biblioteca São Tomás de Aquino começou a receber um **tratamento do acervo** adequado a partir de 1998 com uma estagiária do Curso de Biblioteconomia, pois até então, a biblioteca se encontrava sob a responsabilidade de um padre (sempre um formador do SAPIC) e dois seminaristas internos. Idêntico acontecimento descreve Eco (1983), sobre a escolha dos ajudantes da biblioteca no mosteiro, alguns escolhidos não dispunham de nenhum mérito – técnica para tal cargo de responsabilidade sendo muito vezes “mal visto” pelos demais seminaristas.

Com a presença da então estagiária é que foram iniciados a identificação e o tratamento das coleções, incluindo registro, catalogação e indexação do acervo. Porém, infelizmente, ainda há livros que estão nas estantes sem nenhuma identificação.

Na ficção de Eco os livros são registrados segundo a ordem das aquisições – o bibliotecário recebe o livro e deve memorizar a data que este

chegou (aquisição), cabendo-lhe também, saber encontrá-lo (classificação/processo técnico) e, sobretudo, a responsabilidade da conservação (preservação), doacões, do ingresso em nos muros do mosteiro (ECO 1983). Percebemos a deficiência da não identificação dos livros da Biblioteca São Tomás de Aquino desde que começamos a alimentar o software *minibiblio* – pois sendo um software gratuito e de interface acessível, decidimos adotá-lo, concomitantemente a autorização do padre-formador, para a automação do acervo, visando, no futuro próximo, disponibilizá-lo para os demais terminais de computador que os seminaristas (usuários) têm acesso, facilitando assim, a consulta e busca dos livros, periódicos, monografias, e demais coleções.

Diferentemente do que descreve Eco (1983), quando os monges devem pedir licença ao bibliotecário para consultar e/ou folhear o catálogo, na Biblioteca do SAPIC a disponibilização do acervo nos seus terminais de computadores seria de grande valia, pois assim, os usuários teriam à sua disposição o catálogo que indicaria a localização dos livros, periódicos, monografias, fitas de VHS entre outros, facilitando o trabalho da estagiária na referida Biblioteca e ampliando as condições de acesso à informação. Contudo, para os clérigos medievais, bastava que o bibliotecário conhecesse a data em que cada livro havia chegado. Quanto aos outros monges, podiam confiar na memória do bibliotecário, memória esta que também guardava o segredo da biblioteca.

Reter o conhecimento apenas sob uma única responsabilidade ocasiona um desgaste ainda maior de tempo. Na Biblioteca São Tomás de Aquino quando é encontrado um livro sem identificação, paramos de alimentar o software e vamos carimbá-lo, atribuir-lhe um número de registro, classificar, elaborar e colar a etiqueta com o número de chamada do livro. Só a partir daí o livro entra no sistema. O número de chamada corresponde ao conjunto de símbolos formado pelo número de classificação e pelo número do autor do livro. Este número é de vital importância para a organização de uma biblioteca (LENTINO, 1971).

A Classificação Decimal Universal (CDU) é o sistema de classificação adotado na Biblioteca São Tomás de Aquino e foi introduzido pela primeira estagiária que chegou à biblioteca. Em “*O Nome da Rosa*”, a organização do acervo da biblioteca realizava-se segundo a ordem de chegada dos livros à Biblioteca, através da compra, doação ou permuta.

Os livros eram registrados em um volumoso códice preso à mesa do bibliotecário por uma corrente de ouro, típico da época medieval. Ao lado de cada título encontravam-se anotações, que continham códigos para localizar os livros nas inúmeras e obscuras salas que o edifício abrigava.

Para decifrar e encontrar os livros tão desejados da biblioteca de Eco, era necessário ter um conhecimento e uma capacidade de memorização deste e por este labirinto de uma forma, digamos, "sobrenatural" e, assim, nos é apresentado outra figura do romance, o ex-bibliotecário da abadia, o venerável Jorge de Burgos, o único conhecedor de todos os segredos da biblioteca, evidentemente, que vários destes segredos foram criados por ele mesmo. Amaro (2006) nos descreve este personagem e o seu "zelo" excessivo pela biblioteca do mosteiro.

Na atualidade há uma mudança de perfil deste **profissional da informação**, pois no mercado de trabalho cada vez mais competitivo e em constante transformação em face das TIC's e, simultaneamente, da demanda de profissionais que o mercado não consegue absorver, além das outras profissões que invadem o mercado, como os profissionais de informática que estão atuando em bibliotecas digitais. Na trama, como na vida real, os monges e seminaristas têm alguns sentimentos contraditórios sobre a biblioteca. Estes sentimentos talvez sejam ambíguos para estes homens que "viviam para os livros e com os livros", sentimentos de amor e raiva. Infelizmente, o acesso à informação continua sendo um obstáculo quase intransponível para os usuários. As bibliotecas, mesmo nos dias de hoje, são as primeiras a sofrerem o descaso da sociedade e/ou de seus governantes, seja por motivos naturais como o que aconteceu em Nova Orleans com o furacão Katrina ou pela ambição, ignorância e estupidez humana como na Biblioteca de Bagdá.

Embora as novas tecnologias estejam inseridas na biblioteca religiosa, esta continua adotando uma postura de ênfase na preservação em detrimento a facilidade de acesso à informação. O próximo item corresponde às considerações finais onde apresentamos os resultados obtidos na pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa realizada analisamos a biblioteca religiosa com base na obra "*O Nome da Rosa*", de Umberto Eco. Visando compreender o

espaço da biblioteca e suas características, observamos que a biblioteca religiosa busca a preservação e a memória do saber, e se constitui como um espaço de armazenamento da informação esteja esta impressa ou em formato eletrônico.

A odisséia do monge-bibliotecário medieval até o profissional da informação do século XXI foi rapidamente descrita. Se antes era necessário o conhecimento de idiomas como o grego, latim e árabe, atualmente, o conhecimento de línguas estrangeiras e a informática são essenciais. Notamos que a função de organizar a informação perpassa todas as eras, o que diverge, no entanto, são as prioridades adotadas pela profissão. Na era medieval a ênfase estava na preservação, depois, no sistema e atualmente, o enfoque deve estar nos usuários das unidades de informação. É notável a presença das leis de Ranghanatan, que não se tornaram obsoletas, diante das tecnologias da informação e da comunicação e a gestão da informação permite que os usuários consigam recuperar especificamente a informação da qual precisam.

Concluimos que as bibliotecas religiosas embora estejam participando deste novo contexto com o uso da internet, por exemplo, ainda hoje, possuem traços dos mosteiros medievais, como: administração feita por padres, as riquezas das coleções, a localização imprópria e, sobretudo, apego à preservação em detrimento ao acesso à informação.

Contudo, observamos que ocorreu uma evolução positiva em outras instâncias: o gerenciamento das coleções utilizando uma técnica científica – no caso da Biblioteca São Tomás de Aquino, a utilização da CDU - os leigos e as leigas – tendo acesso aos estudos filosóficos e teológicos fornecidos por estas instituições e, como mencionadas anteriormente, as tecnologias da informação e da comunicação facilitam, tanto o acesso às coleções quanto o desempenho profissional.

As observações de Kaspner (1956), sobre a inadequação dos instrumentos de trabalho do bibliotecário na biblioteca religiosa continuam atuais, pois, embora passado meio século, observamos na pesquisa desenvolvida, como também na experiência da Biblioteca do São Tomás de Aquino, a inadequação desses instrumentos para o tratamento da informação na biblioteca religiosa como uma biblioteca especializada. Não temos conhecimento da existência, no Brasil, de iniciativas

para adaptar tabelas de classificação ou códigos de catalogação às especificidades das bibliotecas religiosas brasileiras. Essa poderia se constituir uma proposta para os comitês técnicos que elaboram os instrumentos de trabalho bibliotecário no país, o que poderia ser revertido em melhorias para o processamento técnico da informação nas bibliotecas religiosas do Brasil.

No desenvolvimento da pesquisa sentimos uma carência de textos sobre as bibliotecas religiosas. Talvez em decorrência de sua própria

formação, a biblioteca religiosa concorra para essa carência na literatura, seja esta cinzenta ou branca.

Sugerimos a realização de pesquisas para adequar os instrumentos de trabalho à realidade das bibliotecas religiosas brasileiras, como também, comparar a realidade das instituições clérigas entre si. E despertar sugestões para que possam contribuir para a melhoria dos serviços prestados pelos profissionais da informação aos usuários das bibliotecas religiosas.

RELIGIOUS LIBRARY AND MEDIEVAL LIBRARY: The meeting in "O Nome da Rosa"

ABSTRACT

This work is a report of a research whose aim was to analyze the religious library based on Umberto Eco's "O Nome da Rosa". The theoretical ground used considered the history of the libraries, mainly the specialized and religious ones. The methodology included a documentary research as well as a field research carried out at the São Tomás de Aquino Library at the Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição (SAPIC). The results pointed to the presence of a professional of Information, Technologies of Information and Communication in the religious library. It was concluded that, although the religious libraries are inserted in a new context, they present some similarities with the medieval monasteries such as the Father management, the richness of the collections, the inappropriate location and above all the extreme care with the collections over the access to information.

Keywords

RELIGIOUS LIBRARY
MEDIEVAL LIBRARIES
ACCESS TO INFORMATION

Artigo recebido em 30.10.2007 e aceito para publicação em 12.01.2008

REFERÊNCIAS

AMARO, Regina Keiko Obata F. No fim, o bibliotecário morre... *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 4, p. 72-88, set. 2006. Número especial.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene et al (Coord.). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ASHWORTH, Wilfred. *Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos*. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed.70, 1979.

BAPTISTA, Sofia Galvão. Do Manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 4, p. 21-40, set. 2006. Número especial.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003, 238p.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 08, p. 189-217.

BLATTMANN, Úrsula. A Universidade do saber encontrado em bibliotecas: ontem, hoje e amanhã. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da*

Informação, Campinas, v. 4, p. 56-71, set. 2006. Número especial.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. 28.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KAPSNER, Oliver L. *The Catholic University of America library in Action*. **Special Libraries**, New York, v. 47, n.7, p. 307-313, Sept. 1956.

LEITE, Francisco Tarcisio. **Metodologia científica**. Fortaleza: UNIFOR, 2004. 287p.

LENTINO, Noêmia. **Guia técnico, pratico e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971.

MELLO, José Barboza. **Síntese histórica do livro**. Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Atlas, 1999.

SANZ CASADO, Elias. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sanches Ruipérez: Madrid: Pirámide, 1994.279p. (Biblioteca del Libro, 62).

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.